

# **Jerusa Pires Ferreira, itinerários de uma pensadora comunicacional latino-americana<sup>1</sup>**

**Maria Inês Amarante**

As idéias advindas do campo da comunicação no Brasil, nos últimos vinte anos, têm sido reconhecidas pela comunidade latino-americana e internacional. Nesta trajetória, merecem destaque vários Núcleos de Pesquisa, entre eles o Núcleo de Ciências da Comunicação, espaço de pesquisa criado em 1978 junto ao programa de pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo. Este Núcleo reuniu pesquisadores doutorados em diversas áreas que compartilhavam a disposição de fortalecer o projeto científico da instituição com seriedade metodológica. Juntos, intercambiavam suas experiências em territórios próximos da mídia, como a literatura, a indústria cultural, etc., demonstrando o grande entusiasmo suscitado pelas mudanças sociais da época. Entre esses estudiosos, em sua maioria homens, encontrava-se a Professora Jerusa Pires Ferreira, cujo pensamento apresentamos neste trabalho.

A pesquisadora fez parte da primeira geração do “Grupo de São Bernardo”, mantendo-se até hoje fiel ao estudo das matrizes das culturas populares; da “cultura das bordas” como ela mesma define, e que tem marcado toda sua trajetória intelectual. As inovações e transgressões na abordagem da oralidade, do popular e de temas

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste trabalho, intitulada “Jerusa Pires Ferreira, uma mulher sem medo de transgredir” foi publicada por MELO, José Marques et al. (orgs). *Comunicação Latino-Americana: o protagonismo feminino*. São Bernardo do Campo: UESP/UNESCO ; Adamantina: FAI, 2003, p. 91-107.

inusitados em inúmeros projetos acadêmicos e publicações revelam sua paixão pela transmissão do saber midiático. Em 1993, criou o Núcleo de Pesquisas da Oralidade, hoje CEO - Centro de Estudos da Oralidade, na PUC-SP, onde desenvolve e orienta pesquisas sobre Memória e Oralidade, em suas várias manifestações.

Procuramos resgatar o vanguardismo desta personalidade instigante do mundo da comunicação, através dessa pesquisa documental e bibliográfica, bem como de gravações de uma série de entrevistas da protagonista, para o levantamento de seus itinerários e sua história de vida, relatos estes entremeados de testemunhos de professores com os quais dividiu espaços e saberes.

### **1. O Grupo de São Bernardo**

No final dos anos 1970, algo de novo aconteceu no Instituto Metodista do Ensino Superior: a criação do programa de pós-graduação e o aporte de vários pesquisadores, que atuaram junto aos diversos núcleos que ali nasceram. Um deles, o Núcleo de Ciências da Comunicação, apresentou inovações de temas e metodologias de pesquisa, especialmente no tocante à comunicação não-hegemônica, como lembra Marques de Melo (1999, p. 164), através de projetos de extensão envolvendo a comunidade. O programa foi centrado em uma única área de estudo, os processos comunicacionais, que o autor identifica como “um confronto dialético do industrial com o artesanal, do público com o privado, da tradição com a pós-modernidade e do internacional com o local” (MARQUES DE MELO, 1999, p. 168). O pluralismo metodológico de seus docentes é notório, tanto quanto o engajamento destes em projetos acadêmicos editoriais, documentais, pedagógicos e de construção de um debate permanente dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Buscou-se reunir as mais diversas tendências de pesquisa numa época de transformações.

O Núcleo de Estudos da Memória Popular do ABC, nascido neste período, esteve ativo de 1979 a 1986<sup>2</sup>, ajudando a conferir à universidade seu grande pioneirismo em programas de extensão. Como lembra Luiz Roberto Alves, um de seus fundadores, ele “foi um braço da ação pedagógica de pós-graduandos e de gente de iniciação científica, graduação, especialmente de comunicação, porque foi um lugar de iniciação da Metodista no conhecimento regional (...), um assunto que é hoje central no mundo, a questão das novas regionalidades”.<sup>3</sup>

Os militares ainda estavam no poder, mas a época era de abertura para se pensar nos problemas locais. Foram criadas publicações como resultado de seminários em que se analisava a biografia de líderes sindicais e comunitários, que vinham testemunhar seus “processos de vida”, o modo encontrado pela universidade para descobrir a região e os movimentos sociais.

## **2. Jerusa e o Núcleo de São Bernardo: cultura e memória popular**

O aporte de Jerusa Pires Ferreira foi fundamental, como lembra Luiz Roberto Alves: “ela foi uma boa companheira do momento organizador do Núcleo e ajudou a arquitetá-lo (...) porque é uma cabeça que tem uma visão metodológica precisa para trabalhar a cultura popular”. Tudo contribuía para que se trouxesse o movimento popular, o movimento folclórico e as culturas populares para dentro da universidade. Afinal, os professores possuíam “a curiosidade da juventude, a animação do momento de redemocratização e uma grande abertura para o campo do popular”, que era assunto de ponta na América Latina. E a memória tem sempre um valor de recuperação daquilo que ainda não se perdeu.

---

<sup>2</sup> Cf. depoimento do Prof. Luiz Roberto Alves, em 9 maio de 2002.

<sup>3</sup> Id.

Nas palavras da própria pensadora<sup>4</sup>, o tempo de convívio na Universidade Metodista “foi um período de ebulição de pensamento, de transformação social, da volta dos exilados, da movimentação de luta, de conquistas sociais...”. Isso, para ela, teve um significado especial, pois comportava “a abertura do mundo, a marca de uma liberdade, de uma construção de identidade”. Os seminários interdisciplinares representaram momentos únicos, como descreve: “havia um pai de santo, um pastor, um padre, um psicólogo, um jornalista, um filósofo. Essa junção era muito rica e bonita, pois se aprendia com a narração de memórias locais, com operários de fábricas que diziam seus poemas”.

A autora contou com colegas “de grande qualidade intelectual, dispostos a trabalhar juntos um projeto, trocar idéias, textos, discutir os seus cursos, organizar simpósios, sob a coordenação do Prof. José Marques de Melo.”

Do ponto de vista histórico, o referido professor considera esta fase como de *Politização dos Estudos em Comunicação*, época em que os pesquisadores buscavam novos parâmetros de sistematização da pesquisa empírica, pois as teorias e os métodos utilizados em comunicação social eram insuficientes para expressar a especificidade continental. São anos marcados pela preocupação com a criação de uma teoria latino-americana da comunicação coletiva, por uma tendência em se estabelecer novas relações entre pesquisadores e pesquisados, que prima pela ética e a proximidade com os interesses da sociedade civil (MARQUES DE MELO, 1998, p. 154). Havia um processo evolutivo de diversas tendências teóricas, onde todo o conhecimento anterior era aproveitado, gerando novos aportes.

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 25/6/02.

### **3. Itinerários norteadores de um extenso trabalho sobre a cultura popular**

A base de todas as idéias de Jerusa Pires Ferreira, o que norteia sua trajetória acadêmica, está contida em sua tese de Mestrado, que ela considera sua “obra maestra” denominada *Cavalaria em Cordel: o passo das águas mortas*. Para ela, este livro representa uma espécie de síntese de toda a sua vida. Nele, funde seus conhecimentos eruditos em literatura medieval e sua matriz cultural sertaneja, trabalhando com a literatura de cordel, popular e regional, num salto arrojado do erudito à cultura popular. Revela, como diz “essa memória narrativa, essa propensão para o estudo da comunicação oral, o estudo da oralidade, dos gêneros transmissivos, do romanceiro, do saber de cor, do folheto, tudo isso que passou a constituir um lastro para a minha vida”. O texto é um estudo moderno de um tema medieval persistente no sertão. E ele é moderno porque fala “de matrizes do pensamento, de matrizes do imaginário”, e como lembra a autora, “é tão complexa essa teia, que só poderá levar a ela como coisa necessária, mas virtual” (PIRES FERREIRA, 1993, p. 48). Assim, nos anos 1970, fala em virtualidade, em conhecimento virtual, matriz virtual, já trazendo quase que uma noção de *hipertexto* (PIRES FERREIRA, 1993, pp. 49-63)<sup>5</sup>.

Ao pegar os folhetos medievais do repertório de Carlos Magno e compará-los com livro de Carlos Magno, a autora pensa em fornecer a dimensão grandiosa dessa poesia, ao invés de simplificá-la para transformar em linguagem matuta, pois, como explica “a estereotipia não me interessa, me interessa a avaliação da complexidade, da diversidade dessas formas de pensar”.

Com o estudo da literatura popular produzida no Nordeste brasileiro e suas “matrizes virtuais” da Idade Média, Jerusa verifica a

---

<sup>5</sup> Cf. entrevista concedida em 20/3/2002.

existência de um procedimento arcaizante em vários níveis, preservador de “uma série de valores já postos de lado pela sociedade global” e afirma que “ela avança e se vanguardiza no sentido em que procede constantemente a um processo de crítica a esta sociedade, mesmo sem o pretender conscientemente”. Ela procura mostrar a criação popular enfrentando o preconceito de que esta seria uma unidade homogênea. Para tanto, busca “situar o autor em seu ambiente, em suas condições e em sua individualidade”, enfocando o fato de estarem presentes “neste corpo heterogêneo de produção popular, diferentes relações sociais e até individuais” (PIRES FERREIRA, 1982, p. 168).

#### **4. Uma mulher sem medo de transgredir: as marcas da transgressão**

Sem deixar de lado a avidez pelos estudos, que a caracteriza, sua literalidade latente ou a formação literária e semiológica europeia, o ingresso de Jerusa nas Ciências Sociais nos anos 1970, a torna uma exceção diante de tantas regras, todas elas transgredidas.

E a transgressão toma forma e impulso em sua trajetória acadêmica, na maneira muito peculiar que ela tem de ver e fazer as coisas: o aprendizado, o saber, a transmissão através do ensino, da escritura, suas grandes paixões. “Eu ensino desde os 15 anos de idade. Tenho mais de 60 anos e continuo ensinando e transmitindo, não só as coisas que eu aprendi, como, sobretudo, transmitindo um processo, porque não acredito na transmissão feita, estável, só, acredito num processo vital. ”

É algo vital seu desejo de estudar e acompanhar o mundo, as descobertas de sua geração, a vanguarda artística e literária, a emergência dos meios de comunicação de massa, o que só pode realizar após um longo período de revolta silenciosa pela avidez contida. Casara-se muito jovem e possuía filhos pequenos que amava, tendo que

conciliar com engenho sua missão de mãe e o desejo de aprender. Assim, supria sua ânsia lendo livros de literaturas estrangeiras, de arte, estudos medievais, ouvindo discos clássicos, até conseguir completar o curso de Letras, inúmeras vezes interrompido. A carreira de docente universitária foi conquistada com esforço e obstinação e nela Jerusa começa a deixar as marcas de sua transgressão e dualidade.

Entrando um pouco no pessoal, e até como mulher e com todas as interdições que uma mulher de minha geração esteve sujeita, estimo que eu valho mais do que dez homens, porque tive que quebrar barreiras. Tive e ainda tenho até hoje. Eu já assumi muita coisa, libertariamente, mas ainda sinto que essa condição de mulher me traz impedimentos irremovíveis.<sup>6</sup>

No entanto, essa mesma condição feminina lhe forneceu armas para enfrentar as limitações, e ao falar dela, percebe as marcas sertanejas:

Se por um lado isso me trouxe impedimentos, por outro me deu uma certa grandeza, até por compreender coisas, por saber lidar com coisas práticas, por ser mãe, tudo me trouxe muita força. E devo lhe dizer que quem me sustentou nessa travessia toda, é aquele imaginário do sertão, apesar de perceber que esse imaginário é restritivo, é punitivo, é tudo o mais... machista, terrível.<sup>7</sup>

Com a leveza de uma bailarina que busca o equilíbrio dentro da dualidade, sempre presente em sua vida, dividida entre a urbanidade, marcada pela cultura de elite, douta, academicamente letrada, e o sertão rude, mitológico, composto de um imaginário cultural popular sem limites, ela salta a linha divisória dos rigores e opta pela *urbis* cosmopolita paulista, cidade que lhe dá a possibilidade acadêmica de auto-realização intelectual profunda, distanciada de sua origem dual.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida em 20/03/02.

<sup>7</sup> Id.

Após o Mestrado em Ciências Sociais e o contato com a antropologia, a pensadora sente reavivar seu desejo de romper amarras e prosseguir uma carreira intelectual promissora.

Na apresentação da 2ª edição de *Cavalaria em Cordel*, confessa-se influenciada por Lévi-Strauss, quando este se refere à escolha que fez no campo da etnografia, em suas reflexões. “Foi esse trabalho a conciliação de meu caráter com a minha vida. A descoberta da antropologia, o trânsito das letras para a área das ciências sociais, num ir e vir contínuo” (PIRES FERREIRA, 1993, p. XIV).

Ao transferir-se para São Paulo, em 1977, emerge uma nova mulher, solitária e forte, exilada de sua Bahia natal. Mudara a vida, deixando longe uma família tradicional, com recursos abastados para viver como estudante, num ir e vir contínuo para atender os filhos. Deste período, fala com entusiasmo “enfrentei uma cidade que para mim era um desafio e, nesse momento, o mundo do sertão foi se fazendo cada vez mais forte (...)”.

Cursa o doutorado em Sociologia da Literatura e ganha consciência de suas origens: “aqui, descobri que era nordestina, porque eu nunca tinha me sentido assim. No universo em que eu vivia nunca se falou em nordeste para a Bahia”. A distância remete à memória do sertão: a pesquisadora aprofunda seus estudos eruditos de medievalista para descrever o popular.

Havia nesta época, seu mentor acadêmico, o orientador no doutorado da USP, Rui Galvão de Andrada Coelho, ele próprio de formação literária, recém-chegado de um exílio político, em quem ela se apoiou para pensar as formas de exercício da cultura popular no mundo acadêmico, e dentro de um processo social mutante. Assim, vivencia um fecundo período intelectual que nunca mais se romperia, revelando a todos sua hiperatividade produtiva e vanguardista.



Estas circunstâncias de vida confirmariam que a autora já havia consolidado toda sua bagagem intelectual e que lhe faltava apenas a oportunidade de expansão.

### **5. Do erudito ao popular: a transmissão da cultura como marca do pensamento**

A passagem para a área da Comunicação, iniciada no Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista, promoveu reflexões e encontros entre seu saber erudito e o estudo da cultura popular no campo comunicacional, caminhos férteis que marcam para sempre seus escritos.

Temperamento irrequieto e sempre em busca a levou a uma certa fragmentaridade, confissão expressa no Memorial<sup>8</sup> que apresenta à USP em 1988. Porém, o que parece à primeira vista fragmentário compactua para o direcionamento de Jerusa aos múltiplos itinerários da cultura, ou das culturas que estuda ao longo do tempo e suas relações com a modernidade.

Apenas uma pesquisadora meticulosa buscaria elos existentes entre as narrativas populares do nordeste, expressas na literatura de cordel, com os contos populares russos. Em artigo publicado neste período, utiliza os estudos de Vladimir Propp sobre as raízes históricas do conto e dissecou poemas através de análises estruturais e etnográficas (PIRES FERREIRA, 1980, pp. 105-6). Descobre que nada está muito distante, bem ao contrário. Consegue aproximar as diferentes tradições e erigir uma ponte que intercomunica os temas, as fórmulas, os personagens dos contos russos com os do cordel regional brasileiro. A luta pela sobrevivência do homem do campo de lá é a mesma do rude

---

<sup>8</sup> Memorial de Atividades científicas, didáticas, culturais e profissionais, apresentado junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes (ECA), como requisito do Concurso Público para obtenção do título de Professor Adjunto.

sertanejo nordestino daqui, calcada nas relações de poder entre dominadores e dominados. As narrativas são povoadas de objetos malditos ou talismãs e de folhetos de encantamento, encontrando igualmente expressão no desmedido, no exagero, de um lado e de outro. Os personagens obedecem à mesma tipologia, usam de rituais espirituosos disfarçados em trama virtuosa e precisam ultrapassar provas para vencer.

Em sua primeira obra publicada nos anos 1970, *Notícia de Martim Cererê de Cassiano Ricardo*, a veia comunicativa da autora já pulsava e aflorava em seu texto o desejo de aproximação com os mitos populares, através de uma análise estrutural. Ela retoma meticulosamente um a um dos mitos brasileiros presentes na obra homônima do escritor modernista e confirma seu interesse pelo sertão, de onde surgem os poetas de cordel que jamais cessaria de estudar (PIRES FERREIRA, 1970, p. 61).

Contudo, é através de uma extensa trajetória acadêmica que podemos perceber sua maneira de pensar e agir comunicação, de exercer seu pensamento, sem se esquecer da ternura literária e da cultura popular jamais. Ele é construído primeiro de forma interdisciplinar, do ponto de vista da organização, transitando por vários espaços da cultura, sem hierarquizar. Ela busca expressá-lo nessa comunicação, relação e circularidade.

Assim, Jerusa aprimora seus trabalhos nesta linha de pesquisa acadêmica. Ministra um curso de Cultura Popular na pós-graduação da ECA, após sua passagem pelo Instituto Metodista, organizando uma metodologia própria para este tema. Prossegue seu percurso pela Literatura de Cordel e inova em tudo o que faz.

## 6. O palco das transgressões

A USP continuou sendo palco para inúmeras transgressões, reafirmando seu desejo de quebrar os limites impostos. Em 1983, organiza as “Jornadas Impertinentes”, seminário que traz depoimentos, controvérsias, perplexidades de vários estudiosos sobre o que é considerado obsceno na cultura popular e indústria cultural, tentando “trazer a Universidade para a vida, quebrar os ranços de certa hipocrisia acadêmica (...) diminuir os fossos que separam os dois mundos” (PIRES FERREIRA, 1985, p. 15). Orienta uma tese sobre revistas pornográficas, sobre literatura espírita, temas que jamais haviam passado pela academia, num romper constante de tradições.

Na época, as pessoas faziam ironias por eu estar colocando dentro do espaço sagrado uma sub-literatura. A USP das letras não tinha essa visão da literatura popular. Então, essa literatura entrava no espaço da comunicação. A principal consequência de tudo isso é que propus uma leitura cultural que desestabilizasse essa cristalização de erudito de um lado, popular do outro, inclusive percebendo nuances do popular, do popularesco, acompanhando todas essas passagens.<sup>9</sup>

A partir de 1985, atua no Departamento de Editoração e cria o projeto “Editando o Editor”. Novas rupturas: introduz na coleção o editor popular demonstrando seu talento literário no campo da Comunicação.

Jerusa estabelece um diálogo constante com outros espaços institucionais, com a idéia de “ouvir outras formas de pensar e de articular”. Em toda sua formação, a história social e a antropologia deixaram uma marca muito especial, fazendo com que a autora não se detivesse apenas ao registro dos códigos de comunicação, ou às teorias mais abstratas. A consistência, ela salienta, “provém às vezes de uma observação simples, outras vezes de uma observação de campo ou etnográfica, de uma observação de materiais vivos e historicizados”. E

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida em 20/03/02.

assim ela transita pelos campos da história oral, o que lhe dá a noção da “voz viva, da presentidade, da participação”. Este modo peculiar de observação embasa teorias que possam surgir de uma reflexão mais abstrata, enriquece com o ir e vir da teoria à prática, da transdisciplinaridade, desses elementos que, para ela “se de um lado privilegiam a sincronia, por outro contemplam também a história”<sup>10</sup>.

No Centro de Estudos da Oralidade - CEO, criado por ela em 1993 no domínio dos sistemas intersemióticos do Programa de Estudos pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, atua com pesquisadores de diversas proveniências na análise, reflexão e coletânea de materiais referentes às poéticas da voz e a memória dos textos, das edições populares e transmediáticas, contemplando o texto cultural como um contínuo, sem o limitar aos registros estáticos.

Fiel às matrizes de seu pensamento, atualmente, mais do que nunca, posiciona-se como uma pensadora da cultura, como o fez Iúri Lótman: a cultura na sua organização, como um sistema, como um conjunto de informações. Arte, comunicação e cultura. Sua participação na Revista de História da PUC afirma esta posição em relação à chamada cultura popular ou às culturas que são chamadas de vanguarda, ou das mídias, as mediatizadas, que é de não hierarquizar. Segundo ela:

melhor ainda é admitir que as culturas tradicionais têm seu espaço em permanente transformação, as culturas mediatizadas em várias escalas também têm os seus espaços, as suas possibilidades e as suas energias transformadoras, assim como também têm o horror, a náusea, o lixo, passados pelos meios de comunicação em visão repetida.

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida em 25/06/02.

Ao interessar-se por culturas tradicionais, estuda os fenômenos vivos dessas culturas, enquanto conjunto de produções que corresponde à produção das classes populares e que devem ser relevadas sempre, não apenas quando são boas ou esteticamente válidas, pois não as considera inferiores à chamada *grande obra da literatura*.

Assim, persiste em “des-hierarquizar” a cultura admitindo, contudo, sua complexidade. Confessa não compactuar com os folcloristas sobre a idéia populista que têm da espontaneidade ou da simplicidade da cultura popular, pois para ela a cultura popular é uma construção bastante complexa da memória, da transmissão, tem uma dimensão arqueológica, uma transmissibilidade muito complexa. Toma gosto ao explicar didaticamente essas idéias:

imagine uma memória humana fixar gêneros, guardar esses gêneros e atuar com a ligeireza que um repente requer. A cultura popular está inserida num repertório e ele está sendo transmitido do mesmo jeito que a outra cultura que é chamada erudita.<sup>11</sup>

Desta forma, não caberia aqui polarização, dicotomias, mas inter-relação entre umas e outras, daquilo que se poderia chamar até de comércio, no sentido de forma, intercâmbio, sociabilidade entre os vários segmentos da cultura. Sem demonstrar preconceitos culturais, avaliando se a cultura é de massas ou não, para a pensadora não existe uma fronteira onde termina o domínio do folclore e começa o do massivo.

Relembra Jesús-Martín Barbero, quando este aponta que o massivo “gerou-se do popular lentamente, daquele popular tradicional” (PIRES FERREIRA, 1985, p. 182). Desta forma, não vê a cultura popular

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida em 25/06/02.

em termos de folclore<sup>12</sup>, porque isso significaria ver o fenômeno de forma sincrônica e não em transformação permanente e em diversos graus de mediatização, em relação ao rádio, à TV ou aos meios futuros. Para ela, existe sempre um recriar, uma circularidade, e ela o demonstra quando fala em literatura popular, revelando as relações existentes no fenômeno da comunicação, o “ouvir, dizer, repetir, escrever, tornar a dizer e contar, isto é, recriar” (PIRES FERREIRA, 1981, p. 144).

Jerusa compactua com o questionamento de inúmeros pesquisadores e marca sua postura sobre as inter-relações dos meios: quem sabe se futuramente o rádio, a televisão e o cinema estarão distantes ainda, válidos e vivos, porque um meio não mata o outro, ele refuncionaliza... E para complementar esta idéia de não renegar o processo caótico da modernização iminente, ela aborda a questão do poeta Enéias Tavares Santos que, em seu folheto *A carta de Satanás a Roberto Carlos* se identifica com Satanás e comunica, a seu modo, a convivência com os novos mitos da música massificada (PIRES FERREIRA, 1985, p. 185), numa demonstração de adaptação das culturas populares e tradicionais aos meios de comunicação de massas.

Um dos trabalhos marcantes da pensadora do ponto de vista cultural é expresso em seus projetos acadêmicos: uma parte de memória do impresso, do escrito, e outra parte de memória da cultura da voz, das culturas da voz, embora se interesse tanto pela voz em presença quanto pela voz mediatizada. Ela se serve de materiais dessas culturas tradicionais e se aproxima delas no sentido de uma observação vital, de uma participação. Porém, seu objetivo é “pensar como essas culturas se conservam, ou se modificam, por que canais elas passam,

---

<sup>12</sup> Em seu artigo “*Quero que vá tudo pro inferno: cultura popular e indústria cultural*”, p. 180, a autora discorre sobre a necessidade de se repensar e discutir o conceito do “folclore”, que há muito substitui “antiguidades populares”.

que repertórios guardam, ou que repertórios perdem, que memórias transmitem, que memórias perdem”, já que, pela lógica da colonização com o apoio da mídia, “o povo foi eletronicizado antes de ser alfabetizado” (PIRES FERREIRA, 1985, p. 184).

Do ponto de vista da posição, ela não admite clausuras, reafirmando sua idéia de circularidade cultural “não suporto *popular x erudito*. O popular e o erudito. Acho que existem vários populares, existem circulações múltiplas, existem mediatizações de várias espécies e eu também gosto das pontas, das experimentações mais modernas”.

Desta forma, vê o caráter de inovação da cultura, de um lado da permanência, de outro da renovação, acreditando na força das novas tecnologias, no que pode levar “um mesmo jovem a dançar break e participar dos mais tradicionais folguedos na zona rural” (PIRES FERREIRA, 1985, p. 184).

Há questões específicas que podem ser encontradas em culturas tradicionais, pré-modernas, num certo sentido, mas que estão sempre em diálogo com outras e em vários graus de transformação. Do mesmo jeito que existem as chamadas culturas de ponta, tecnológicas ou esteticamente chamadas de vanguarda que vão fazer essa circularidade, vão buscar nessas culturas tradicionais pontos de apoio, vão recriá-los, e vão transformá-los do mesmo jeito que a cultura de massas.

## **7. Autores que marcaram sua trajetória.**

A própria pensadora aponta para três vertentes sobre as quais se apoiou e um eixo que liga todas elas. Uma é a semiótica, não ortodoxa, mas sim a que passa pela história e pelo social, que aparece em um capítulo de *Cavalaria em Cordel*. Além disso, a história aponta também para um setor da antropologia, e é dessa conjunção de estudos antropológicos históricos que direcionou o seu Mestrado. Tem uma

terceira que vem dos trabalhos que vão surgindo sobre comunicação, a partir dos estudos culturais e medievais que realiza.

Jerusa guarda viva na memória a presença dos seminários de Urbino, na Itália, o que foi fundamental em seu itinerário, pois lhe permitiu caminhar “para além da discussão do que é a comunicação emissor/receptor, percorrendo vários fundamentos do que eram as poéticas, do que era a transmissividade, do que eram os processos semióticos, do que era a organização das linguagens”<sup>13</sup>.

Foi aluna de quem considera “um dos maiores etnólogos”, o romeno Mihail Pop, que lhe deu, pela primeira vez, a noção da cultura popular como um sistema, um sistema de linguagem, de pensamento. Coursou análise mitológica também com o Professor Boris Ogibenin, de Moscou e frequentou os seminários de Eliseu Véron, os de Umberto Eco e, sobretudo, daquele que considera um dos grandes filósofos do nosso tempo, que é o professor francês Jean-François Lyotard, autor de um livro muito difundido no Brasil *Discurso e Figura*.

Além dos autores clássicos como Mikhail Bakhtin, filósofo e teórico da literatura russa, estudioso da cultura popular, marxista heterodoxo, que merece até mesmo a admiração de Aaron Gurévitch (PIRES FERREIRA, 1999, p. 51), há também os mais novos teóricos russos do Folclore, como o professor Eleazar Meletinski, com o qual trabalhou na PUC-SP o tema das mito-poéticas e que menciona em suas reflexões sobre as tradições orais.

Tantos são os autores citados em sua obra, e tão ecléticos esses pensadores, passando da semiótica à filosofia, da literatura à história, do medievalismo à antropologia e à filosofia da linguagem... para se chegar à comunicação, que constitui tarefa árdua buscar quais deles exerceram maior influência no itinerário comunicativo da autora.

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida em 18/04/02.



Num primeiro momento, vimos que além dos medievalistas e dos grandes semioticistas russos e europeus, a pensadora encontra-se bastante próxima dos estruturalistas franceses e de suas interdisciplinaridades, dos estudos culturoológicos, indo da literatura à análise do discurso, aprofundando-se em estudos semióticos, antropológicos – como os de Lévi-Strauss, que cita em seus trabalhos. Segundo Bernard Miège (2000, p. 43), “a comunicação ocupa uma posição central no pensamento daquele autor”, bem como suas obras “não podem ser dissociadas do desenvolvimento da lingüística”.

Na história dos estudos de comunicação franceses, é importante salientar que foi Roland Barthes, fundador do CECMAS<sup>14</sup>, o primeiro a romper com o critério elitista acadêmico que excluía temas da vida cotidiana dos estudos de ciências sociais (MORAGAS, 1981, pp. 143-170), como tem feito Jerusa em sua vida docente.

Dos três níveis de impacto do método estrutural sobre o pensamento comunicacional, apontados por Miège (2000, p. 45), dois deles são utilizados nos trabalhos da autora: a análise estrutural das narrativas, que começa com textos literários e passa para os textos de comunicação e a análise de mensagens visuais “com especificidades relevantes como a codificação analógica e a contigüidade”. Umberto Eco (apud MIEGE, 2000, p. 45) salienta que em uma pesquisa semiológica “nem todos os fenômenos da comunicação são explicáveis unicamente com as características da lingüística”, sendo necessário para o avanço dos estudos da linguagem cinematográfica, aliar-se a lingüística geral à semiologia geral, a fim de que estes forneçam novos modelos metodológicos (METZ, apud MIEGE, 2000, p. 46).

Ao abrir-se para novas problemáticas, a semiologia apontou caminhos para outras abordagens e evoluções. Autores como A. J.

---

<sup>14</sup> Centro de Estudos de Comunicação de Massas.

Greimas e Roman Jakobson, freqüentemente citados em textos da pensadora, inovaram ao criticar o modelo de Saussure nos anos 80 (MIEGE, 2000, p. 47). As propostas destes trabalhos “permitem analisar signos não arbitrários (...), além de estudar as relações que no processo de significação se estabelecem entre essa categoria de signos e os signos lingüísticos”.

Houve tanta diversificação do pensamento comunicacional entre os anos 1970-80 na Europa e na América Latina, com o aporte de novas concepções – com correntes que se ramificam em vários posicionamentos ou até em escolas –, sobrepondo-se às já tradicionais correntes fundadoras que, segundo Miège (2000, p. 55), é difícil avaliar a influência que tiveram.

Dessa forma, não se pode negligenciar que na trajetória de inquietudes e transgressões da autora, há que se considerar o hibridismo dessa escola latino-americana tão complexa, ainda em evolução, envolvendo os pensadores continentais que, entre tantas coisas, souberam reverenciar e relevar a cultura e o saber populares, como o fez Jésus-Martín Barbero, que merece a admiração da pensadora. O campo é bem vasto e tipicamente nosso, nativo e continental.

Paira no ar a dúvida de como se pode reunir Umberto Eco, Gramsci, Foucault, Greimas, Mihail Pop, Paul Zumthor, de quem Jerusa traduziu tantas obras no Brasil, e muitos outros em um só itinerário. Ela própria nos dá sua fórmula:

... eu tenho essa construção que transita entre o oral e o impresso o tempo todo, que funde às vezes o oral e o impresso, que chama a atenção para o viés teórico que vem da observação dos textos medievais até a contemporaneidade, que quebra certos limites e que

avança no sentido de considerar a performance, a presentidade, o espetáculo, a comunicação viva como uma grande força.<sup>15</sup>

A pensadora admira o trabalho feito pelos folcloristas, etnógrafos e serve-se de seus materiais para construir um método, uma teoria crítica do texto popular, rumo à sua poética. Algumas formulações de Paul Zumthor, segundo ela, serviram de apoio para pensar no texto popular (p. XV). “O que me interessou e que me fez aproximar dele imensamente era essa espécie de quebra de limites da sua prisão nas belas letras, nesse conceito apenas estético”<sup>16</sup>.

Tendo vindo das Letras, passado por Ciências Sociais, pela semiótica, a ligação com Zumthor e o estudo dos semioticistas russos como Iúri Lótman, que também fazem esse tipo de percurso, ela considera que esses pensadores trouxeram grandes avanços para a comunicação.

O Zumthor é um pensador da comunicação. Quando ele traz a noção de performance, ele está falando de comunicação, de corporal, está falando de presença, de circuito comunicacional, está preocupadíssimo com isso, tanto que termina *A Letra e a Voz* falando sobre as leituras do Folhetim na França e ele fala “que disso faça o medievalista o seu mel”. Quando ele pensa no jogral diz: o seu corpo é a sua própria mídia. Ele está pensando em mídia, em mediatizadores, em oralidades primárias, secundárias, mistas a partir dos elementos comunicacionais. Então, foram esses elementos que eu fui buscar, além da erudição de um medievalista.<sup>17</sup>

Ao enfatizar os autores que tiveram grande influência em seu trabalho, como Aaron Gurévitch e Iúri Lótman, a autora diz que, para este último “tudo, até mesmo o corpo, a vestimenta, são textos de cultura”. O conceito de cultura em Lótman conforme lembra, é algo muito interessante porque passa o tempo todo pela comunicação e, ao

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida em 18/04/02.

<sup>16</sup> Entrevista concedida em 25/06/02.

<sup>17</sup> Id.

pensar a cultura, se estabelece como prioritária essa dimensão comunicativa, isto é, da comunicação enquanto conjunto de processos.

(...) a idéia de cultura do Lótman está muito próxima daquilo que eu penso. Ele passa pela memória, pela maior ou menor longevidade dos signos, dos sistemas de signos, passa pelos sistemas da seleção, da codificação e da transmissão. Por exemplo: os meus trabalhos sobre memória têm a ver com a memória, não fisiológica apenas ou a memória do ponto de vista da recuperação, daquilo que chamam de resgate, não é isso. Eu estou preocupada também com essa transformação de materiais na mediatização e nas mediatizações. Nesse sentido o meu pensamento é de um comunicador.<sup>18</sup>

Zumthor, Lótman e Gurévitch, estes dois últimos russos, todos medievalistas, todos os três professores de literatura e, como aponta Jerusa, “indivíduos que abriram para o aspecto excepcional da comunicação de culturas”.

Zumthor chama atenção aos pesquisadores de que uma coisa é tradição e outra é transmissão. Ele tem um livro que traduzi sobre poesia oral em que fala da maravilha que é o grito tribal recriado nos concertos de rock. Então, amplio o conceito de comunicação (...) dentro de um consenso de recepção do que eu faço, que é a noção dessa quebra de limites estreitos de popular erudito a literatura glorificada de um lado. Tento levantar esses aspectos de comunicação. Daí o Núcleo [de Poéticas da Oralidade] não vai trabalhar apenas o folclore. Ele vai trabalhar a oralidade, do ponto de vista das sociedades tradicionais, do ponto de vista das culturas tradicionais, das mediatizações múltiplas, do pré-massivo, do massivo, nas suas conjunções.<sup>19</sup>

E, ao falar em cultura, ela reforça a idéia da recriação, deste “receber as coisas novas, codificar e decodificar mensagens e traduzi-las para um outro sistema de signos” (PIRES FERREIRA, 1994-95, p. 116).

Agora pensando sobre isso percebi porque os medievalistas vão terminar no ato comunicativo. Porque, na Idade Média, a cultura é transmitida de

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida em 18/4/02.

<sup>19</sup> Entrevista concedida em 18/4/02.

forma muito corporal e muito oral e no circuito da praça, onde existe uma voz e existe um público.

Essa relação da dramatização diante de um público e essa interferência do que se produz e do que se recebe, um embutido no outro, levou a medievalistas como Zumthor, como Lótman, como Aaron Gurévitch, como eu mesma, a chegar nesses caminhos... .

Ao debruçar-se sobre o pensamento de Gurévitch, após um encontro com ele em Moscou, em 1997, e vendo-o privado de tantas percepções pela perda de visão, porém elaborando um *Dicionário da Cultura Medieval*, Jerusa se pergunta o que o escritor poderia continuar a transmitir de rigor e de audácia. Conclui afirmando: “ele nos faz entender que buscando as diferenças poderemos achar em nós a similaridade, rumo à mistura e à força, e partir para a criação de nosso múltiplo tecido identitário, desconfiando sempre da simplicidade dos achados fáceis” (PIRES FERREIRA, 1999, p. 51). Esta postura da pensadora nos mostra o quanto ela ainda poderá contribuir para com nossas pesquisas.

### Referências Bibliográficas

- MARQUES DE MELO, José. **Teoria da Comunicação:** paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 145-181.
- \_\_\_\_\_. “Vitalidade intelectual do grupo de São Bernardo”. **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo: UESP, n. 32, p.161-178, 1999.
- MARQUES DE MELO, José; CASTELO BRANCO, Samantha (orgs). **Pensamento comunicacional brasileiro:** o grupo de São Bernardo (1978-1998). São Bernardo do Campo: IMESP, 1999.
- MIEGE, Bernard. **O pensamento comunicacional.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- MORAGAS, Spa, Miguel. **Teorias de la Comunicación.** Barcelona: Gustavo Gili, 1981, p.143-170.
- PIRES FERREIRA, Jerusa. **Notícia de Martim Cererê de Cassiano Ricardo.** São Paulo: Quatro Artes Editora, 1970.

\_\_\_\_\_. **Jornadas Impertinentes: o Obsceno** (org). São Paulo: Hucitec, 1985.

\_\_\_\_\_. **Cavalaria em Cordel: o passo das águas mortas**. São Paulo: Editora Huicitec, 2ª edição, 1993.

\_\_\_\_\_. (et al.). **Livros, Editoras & Projetos**. São Paulo: Ateliê Editorial: Com-Arte; São Bernardo do Campo, SP: Bartira, 1997.

\_\_\_\_\_. "Conto russo em versão nordestina". **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP-FAFCH, Departamento de Ciências Sociais, nº 23, p. 103-133, 1981.

\_\_\_\_\_. "O útil e o agradável: preceito em cordel". **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo: UMESP, nº 6, Vol. 3, p. 137-145, Set. 1981.

\_\_\_\_\_. "Tradição e Vida: literatura popular em verso". LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (org). **Comunicação, hegemonia e contra-informação**. São Paulo: Cortez Editora – Intercom, p. 165-171, 1982.

\_\_\_\_\_. "Malvinas em Cordel". **Revista Cultura Popular**, Celadec, n. 10, p. 134-137, Dez.1983.

\_\_\_\_\_. "Quero que vá tudo pro inferno: cultura popular e indústria cultural". **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo: UMESP, nº13, p.13-15, Junho de 1985.

\_\_\_\_\_. "Cultura é memória". **Revista USP**, São Paulo: CODAC, n. 24, p. 115-120, Dez.Fev. 1994/95.

\_\_\_\_\_. "Paul Zumthor, profissão medievalista". **Signum**, Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais, São Paulo, nº 1, p.185-205, 1999.

\_\_\_\_\_. "Individualismo e Diferença", entrevista com Aaron Gurévitch in **Cult: Revista Brasileira de Cultura**, São Paulo, n. 20, p.49-51, Março de 1999.

SELLTIZ, WRIGHSMAN e COOK. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: E.P.U., 1987, Vol. 2, Medidas na Pesquisa Social, p. 15-48.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 5ª. Ed., 1999, p.100-110.

## Outros documentos

PIRES FERREIRA, Jerusa. **Memorial de Atividades científicas, didáticas, culturais e profissionais**, apresentado como requisito do Concurso Público para obtenção do título de Professor Adjunto junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), 1988.

### **Entrevistas concedidas pela autora na mídia impressa**

- “Jerusa Pires Ferreira: a contadora de histórias”. Entrevista ao **Jornal da PUC/SP** à repórter Malu Rangel na segunda quinzena de outubro de 2000.
- “Jerusa Pires Ferreira – uma parabólica pensante”. Entrevista à **Revista Exu**, Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, novembro de 1997.
- “Tradição, Cultura e Modernidade”. Entrevista ao **Jornal O POVO**, Fortaleza, Ceará, 13 de Dezembro de 1997.

### **Outras Fontes**

- Entrevistas gravadas

PIRES FERREIRA, Jerusa: depoimentos de 20/3/02, 18/4/02 e 25/6/02. Entrevistadora: Maria Inês Amarante. São Paulo, 2002. 3 fitas cassete (180 min.), estéreo, acervo pessoal. Entrevistas concedidas para fins de pesquisa bio-bibliográfica na matéria “História do Pensamento Comunicacional”, ministrada pelo Prof. Dr. José Marques de Melo, do programa de pós-graduação em Comunicação Social da UMESP-SP.

ALVES, Luiz Roberto: depoimento de 9/5/02. Entrevistadora: Maria Inês Amarante. Mauá, 2002. 1 fita cassete (60 min.), estéreo, acervo pessoal.

**Maria Inês Amarante** é professora e radialista, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Mestre e Especialista em Comunicação Social pela UMESP e USF, Licenciada em Letras pela Université Libre de Bruxelles, na Bélgica. [E-mail: [iamarante2005@yahoo.com.br](mailto:iamarante2005@yahoo.com.br)]